

PREVALÊNCIA DE ÓBITOS POR HEMORRAGIA PÓS-PARTO NO BRASIL DURANTE O PERÍODO DE 2021 A 2025

Júlia Pinter Del Castanhel¹, Marielly Zanini Alberton²

¹Universidade do Sul de Santa Catarina, ²Universidade do Extremo Sul Catarinense

RESUMO

Este estudo analisou a prevalência dos óbitos maternos por hemorragia pós-parto (HPP) no Brasil entre 2021 e 2025, utilizando dados do DATASUS. Trata-se de uma pesquisa observacional, descritiva e retrospectiva, considerando região, faixa etária e raça/cor. Foram registrados 462 óbitos no período, com redução progressiva, especialmente em 2025. Observou-se maior concentração nas regiões Nordeste e Sudeste, em mulheres pardas e na faixa etária de 30 a 39 anos. A diminuição dos casos relaciona-se à implementação de protocolos, à capacitação profissional e à melhoria da assistência obstétrica, reforçando a importância das políticas públicas na prevenção da mortalidade materna.

PALAVRAS-CHAVES: Hemorragia pós-parto. Atonia uterina. Mortalidade materna.

ÁREA TEMÁTICA: Emergência obstétrica.

INTRODUÇÃO

A hemorragia pós-parto (HPP) é definida quando ocorre a perda de sangue ≥ 500 ml durante o parto vaginal e 1000 ml de sangue num parto cesariano e/ou sangramento que exija hemotransfusão (RUIZ *et al.*, 2015). Entretanto, existem controvérsias na literatura quanto a essa definição, devido à dificuldade de mensurar com precisão a quantidade de sangue perdida durante o parto (WANG; OYELESE, 2025).

No Brasil, a HPP configura-se como uma das principais causas de morbidade e mortalidade materna. É a responsável por um quarto das mortes maternas no mundo, sendo, portanto, um problema de saúde pública (SILVA *et al.*, 2024).

A identificação precoce da causa da hemorragia é fundamental para o manejo adequado da HPP, sendo esta classificada segundo os “quatro Ts”: tônus, trauma, tecido e trombina. Dentre essas causas, a atonia uterina destaca-se como a principal responsável pelos casos de HPP (SILVA *et al.*, 2024).

O resultado do tratamento depende do treinamento dos profissionais, equipamentos, salas cirúrgicas equipadas, bancos de sangue com capacidade para

fornecer suprimentos suficientes para transfusões maciças de sangue e hemoderivados (WANG; OYELESE, 2025).

OBJETIVO

O objetivo é analisar a prevalência dos óbitos por HPP no Brasil durante o período de 2021 a 2025, conforme região, faixa etária e raça/cor.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo observacional, descritivo e retrospectivo, realizado a partir de dados secundários do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). As informações foram obtidas do Sistema de Informação sobre Mortalidade, referentes aos óbitos por HPP no Brasil durante o período de 2021 a 2025. Foram incluídos também dados de óbitos relacionados à região do Brasil, faixa etária e raça/cor.

Ademais, a coleta de dados foi realizada de forma eletrônica pela plataforma DATASUS, consequentemente as informações foram armazenadas em planilhas no Excel e analisadas por meio do cálculo de frequência absoluta e taxa de mortalidade. Como o presente estudo não envolve contato direto com seres humanos, não se faz necessária a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Definição e causas da hemorragia pós-parto: Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), HPP ocorre quando há perda de sangue ≥ 500 mL nas primeiras 24 horas após o parto, sendo considerada grave a partir de 1000 mL.

A OMS agrupa as principais causas da HPP em quatro categorias, tônus (falha na contração uterina), trauma (lesões no canal de parto), tecido (restos placentários) e trombina (distúrbios de coagulação).

Fisiologia da contração uterina: Conforme descrito no artigo “Postpartum Hemorrhage”, publicado no PMC do National Institutes of Health, a contração uterina no pós-parto é essencial para promover a hemostasia, após a saída da placenta. As fibras do miométrio comprimem os vasos sanguíneos, reduzindo o fluxo e favorecendo a cessação da hemorragia. Quando esse mecanismo falha, ocorre a atonia uterina, caracterizada pela incapacidade do útero em comprimir os vasos.

RESULTADOS

De 2021 a 2025 foram registrados 462 óbitos por HPP no Brasil, destacando-se o ano de 2021, com 117 mortes, seguido de 2024, com 103 óbitos. A mortalidade apresentou redução em 2022 (100) e 2023 (93), com queda mais acentuada em 2025 (49).

Tabela 1: Distribuição dos óbitos de hemorragia pós-parto por região do Brasil, 2021-2025

Região	2021	2022	2023	2024	2025
Norte	21	7	11	14	9
Nordeste	39	30	27	25	15
Sudeste	35	35	30	32	18
Sul	11	21	14	19	4
Centro-oeste	11	7	11	13	3
Total	117	100	93	103	49

Fonte: Datasus 2021-2025

Em relação à distribuição regional, a região Sudeste apresentou o maior número de óbitos ao longo do período (150), seguida pela região Nordeste (136). As regiões Norte (62), Sul (69) e Centro-Oeste (45) apresentaram menores frequências.

Tabela 2: Distribuição dos óbitos de hemorragia pós-parto por faixa etária e raça/cor no Brasil, 2021-2025

Variáveis	2021	2022	2023	2024	2025	Total
Faixa etária						
10-19 anos	15	9	6	8	5	43
20-29 anos	33	32	35	37	17	154
30-39 anos	59	45	45	48	25	222
40-49 anos	9	14	7	10	2	42
50-59 anos	1	0	0	0	0	1
Raça/cor						
Branca	34	36	34	32	18	154
Preta	13	11	7	8	7	46
Amarela	0	0	1	1	0	2
Parda	63	48	48	57	19	235
Indígena	7	2	3	5	2	19
Não declarado	0	3	0	0	3	6

Fonte: Datasus, 2021-2025

A maior concentração de óbitos ocorreu na faixa etária de 30 a 39 anos (222) e na população parda (235).

DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam uma redução progressiva dos óbitos maternos por HPP no período analisado, passando de 117 casos em 2021 para 100 em 2022 e 49 em 2025. Embora permaneça como importante causa de mortalidade materna, observa-se tendência de diminuição desses óbitos no Brasil nos últimos anos (DE LIMA MATOS *et al.*, 2025).

A redução observada está relacionada à implementação do manual de prevenção e manejo da HPP em 2017, que fortaleceu a capacitação dos profissionais de saúde e a resposta rápida à complicação. A adoção de treinamentos contínuos, protocolos assistenciais e fluxos mais eficientes favoreceu o reconhecimento precoce e o tratamento oportuno para a diminuição da mortalidade (DE LIMA MATOS *et al.*, 2025).

Quanto à distribuição regional, observou-se maior número de óbitos nas regiões Nordeste (136) e Sudeste (150), além de maior prevalência entre mulheres pardas. Ressalta-se que a raça, isoladamente, não constitui fator de risco biológico, estando os achados associados às desigualdades socioeconômicas e ao acesso aos serviços de saúde.

Em relação à faixa etária, verificou-se maior ocorrência de óbitos entre mulheres de 30 a 39 anos, possivelmente associada à maior incidência de complicações obstétricas, como placenta prévia, descolamento prematuro da placenta, aumento da taxa de cesarianas e maior prevalência de doenças crônicas pré-existentes. Ademais, a idade materna superior a 35 anos é um fator de risco para intercorrências gestacionais e obstétricas, incluindo risco de mortalidade materna (DE LIMA MATOS *et al.*, 2025).

CONCLUSÃO

Os resultados demonstram que, apesar de a HPP permanecer como importante causa de mortalidade materna no Brasil, houve redução dos óbitos entre 2021 e 2025, indicando avanços na assistência obstétrica e na capacitação profissional. Entretanto, persistem desigualdades regionais, especialmente no Nordeste e Sudeste, associadas a falhas no pré-natal e na estrutura hospitalar, além de maior ocorrência entre mulheres de 30 a 39 anos. Assim, torna-se fundamental fortalecer as políticas públicas e a rede de atenção materna, visando à prevenção, ao diagnóstico precoce e à redução da mortalidade por HPP.

REFERÊNCIAS

SILVA, Mayara dos Santos Farias Ferreira et al. The profile of patients with postpartum hemorrhage admitted to the obstetric intensive care: a cross-sectional study. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 46, p. e-rbgo47, 2024.

RUIZ, Mariana Torreglosa et al. Associação entre síndromes hipertensivas e hemorragia pós-parto. **Revista gaúcha de enfermagem**, v. 36, n. spe, p. 55-61, 2015.